

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i2.220>

A AVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA INCLUSÃO

Adelsir Sturzbecher¹, Joice Panoch², Marcelo Rodrigo Campos³,
Bárbara Vier Mengue⁴, Sinara da Silva Emmel⁵

A inclusão é, ao mesmo tempo, uma realidade e um desafio, em todos os âmbitos da sociedade. Não é diferente dentro do contexto escolar. O presente trabalho apresenta um recorte de caso que provoca a seguinte reflexão: como é possível incluir um aluno estrangeiro, garantindo que seus direitos sejam preservados? Nossa hipótese é que esse desafio é possível ser superado, quando são alinhadas questões técnicas, dentre as quais focaremos nas avaliações, junto às questões éticas e espirituais, que são capazes de dar suporte motivacional tanto para o aluno e seus familiares, assim como para a equipe pedagógica como um todo.

Recebemos nosso aluno que aqui chamaremos de Nic, em meados de 2021. Ele veio transferido das Filipinas, tendo como responsável e único familiar presente seu pai, que é nascido na Alemanha. A partir dos documentos trazidos de sua escola anterior, Nic apresentava em seu boletim escolar médias que variavam de nota 7,7 à nota 9,1, sendo que do total de treze disciplinas, em nove ele apresentava médias na casa dos 8,0. Contudo, logo de imediato tornou-se perceptível a dificuldade. Conforme Fraga (2015, p. 7) “para o estrangeiro, o primeiro passo para se sentir incluído no ambiente escolar é compreender a língua e comunicar-se”. O fato é que não era possível identificar a partir de qual idioma seria possível estabelecer a comunicação com Nic. Na Língua Portuguesa era absolutamente inoperante. O pai alegava que Nic era fluente em Inglês e Alemão. Porém havia poucos avanços também nesses idiomas.

Como Nic entrou no quinto ano do Ensino Fundamental I, a sugestão feita ao pai foi a de que seu filho refizesse o quinto ano para que, estando mais integrado, ele tivesse uma experiência pedagógica mais adequada. Embora, em um primeiro momento, o pai tenha

¹ Pastor Escolar do Colégio Sinodal Doutor Blumenau. Bacharel em Teologia na Faculdade EST. Pós Graduado em Gestão Escolar pela SETREM (Sociedade Educacional Três de Maio) e Instituto Ivoti. E-mail: adelsir@colegiodoutor.com.br

² Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil e Ensino Fundamental I do Colégio Sinodal Doutor Blumenau. Graduada em Pedagogia Educação Infantil e séries iniciais. Pós Graduada em Orientação, supervisão e gestão escolar pelo ICPG (Instituto Catarinense de Pós Graduação). E-mail: joice@colegiodoutor.com.br

³ Psicólogo Escolar do Colégio Sinodal Doutor Blumenau. Graduado em Psicologia pela Furb (Universidade Regional de Blumenau). Pós graduado em Psicanálise pelas Faculdades Estácio de Sá de Santa Catarina. E-mail: marcelo@colegiodoutor.com.br

⁴ Professora no curso de Letras (ISEI) e Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio do Instituto Ivoti. Mestre em Linguística Aplicada pela UNISINOS. E-mail: barbara.mengue@institutoivoti.com.br

⁵ Coordenadora pedagógica no Colégio Sinodal do Salvador - Porto Alegre. Mestre em Educação pela UNISINOS. E-mail: sinara.semmel@gmail.com

aceitado a proposta, ao final de 2021 ele voltou atrás, e Nic seguiu para o sexto ano, agora no Ensino Fundamental II. Somou-se então às dificuldades já apresentadas anteriormente o ritmo imposto pelo Ensino Fundamental II, com um professor por disciplina. O impacto no corpo docente foi imediato, sendo que “a falta de aparato técnico pode gerar nos professores uma sensação de impotência e frustração diante do desafio de lidar com a heterogeneidade linguística” (FRAGA, 2015, p. 6). Neste momento formou-se uma força tarefa mediada pelo Pastor Escolar, pois na condição de Colégio Luterano, o Pastor é quem melhor relembra a todos que “a centralidade na escritura orienta a identidade da escola, determina sua proposta pedagógica e define seu papel na sociedade” (BECKER, 2015, p. 7). Além de mediar essa força tarefa, era o Pastor que estabelecia os diálogos com o pai de Nic, principalmente por este se comunicar exclusivamente em língua alemã.

Até meados de 2022 conseguimos poucos avanços. As notas médias, nos dois primeiros trimestres, alternavam entre 3,3 e 9,0, a maioria das médias na casa dos 5,0. Até que uma experiência rompe esse ciclo. Nic comentou com a professora de Biologia que teve a intuição que tiraria uma nota boa. Seu pai lhe disse que isso era bobagem, que ele não conseguiria. Isso leva a uma reflexão a respeito da forma de se comunicar os resultados das avaliações.

A forma de comunicar os resultados das avaliações parciais é muito mais específica que a dos resultados finais, pois estão relacionados a objetivos específicos, por isso, há a necessidade de serem retomados imediatamente. O professor busca subsídios que favoreçam uma ação clara e específica das condições do aluno naquele momento, com a finalidade de melhorar os resultados. (MELCHIOR, 2008, p. 149).

Na avaliação de Biologia Nic alcançou a nota 9,8. Para tanto, contou com a estratégia da professora que providenciou as seguintes adaptações: número de questões reduzidos, questões objetivas, priorizando a análise de imagens. Nic pôde utilizar a apostila, palavras e conceitos chave foram colocados em destaque, e a professora passou todo o tempo da prova ao lado de Nic, o que possibilitou duas ações pedagógicas, traduzir os comandos que não ficassem claros e aproveitar o contexto da prova para revisar o conteúdo com o aluno. Enfim, a soma do suporte motivacional possibilitado pela pastoral escolar, somado às competências técnicas discutidas pelo corpo docente e coordenações pedagógicas, tornou viável a construção de caminhos inclusivos para Nic. Ficam como sugestão os apontamentos da literatura que indicam que oferecer cursos de língua portuguesa no contraturno escolar trazem resultados positivos

Palavras-chave: Inclusão. Espiritualidade. Avaliação. Estrangeiro.

REFERÊNCIAS

BECKER, Tiago. O papel atual da pastoral escolar da Rede Sinodal de Educação. *In*: CONGRESSO ANPTRE, 5., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...] Curitiba, 2015. p. GT0138. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/api/assets/dbd76e1d-771f-4c95-ab74-9a103d3052e3/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

FRAGA, Andréia Basílio de Matos. Alunos estrangeiros matriculados em escolas brasileiras regulares: reflexões sobre a inclusão. In: SEMOC - SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 18., 2015, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Salvador, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/4242/1/Alunos%20estrangeiros%20matriculados%20em%20escolas%20brasileiras%20regulares%3A%20reflex%C3%B5es%20sobre%20a%20inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MELCHIOR, Maria Celina. **Da avaliação dos saberes à construção de competências**. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Premier, 2008.

Recebido em: 21/11/2022

Aceito em: 21/11/2022